

# CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DAS DEFINIÇÕES E CONCEITUAÇÕES DA GEOGRAFIA

Elpidio Serra \*

---

## RESUMO

Definir e conceituar Geografia continua sendo hoje, quase que da mesma forma como foi no passado, uma preocupação tanto dos geógrafos como das próprias correntes de pensamento nas quais estão inseridos. Neste trabalho, nosso objetivo é estimular uma reflexão sobre tal problemática. Para tanto, procedemos a uma revisão geral do que publicaram os autores brasileiros e estrangeiros, nas diferentes épocas e sob as mais variadas formas ou manifestações de influência a que estiveram submetidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fontes do conhecimento geográfico, correntes do pensamento geográfico, concepção geográfica, percepção espacial, racional, intuitiva.

---

## CONTRIBUTION TO THE STUDY OF DEFINITION AND CONCEPTS OF GEOGRAPHY

### ABSTRACT

Defining and giving concepts to Geography continues being today, almost the same way as it was in the past, the worry of the geographers as well as of the thought current in which they are inserted. Our aim in this work is to stimulate a consideration about such a matter. For this reason we have done a general revision of what has been published by Brazilian and Foreign authors, in different times and in the most numerous ways or manifestation of influence they were under.

**KEY-WORDS:** Sources of geographic knowledge, geographic conception, spacial perception, rational perception, intuitive perception.

---

### 1. INTRODUÇÃO

O que é Geografia? O que significam e quais são as fontes do conhecimento geográfico? A Geografia é um conhecimento racional ou intuitivo?

Questões desse tipo levam, hoje, o geógrafo à reflexão e à dúvida, mesmo considerados os milhares de anos decorridos desde as primeiras manifestações do pensamento geográfico. A dúvida, ou a incerteza de uma resposta clara, objetiva, reside, atualmente na problemática criada pela diversidade de correntes do pensamento geográfico; sendo que cada uma dessas correntes dá uma versão própria a pontos altamente importantes da ciência geográfica como um todo, não escapando a esse tipo de esfacelamento a definição do que é Geografia, qual o seu objeto de estudo e outras questões fundamentais para a unicidade desse pensamento científico. Embora conservando alguns pontos em comum, as correntes divergem em outros, o que cria um distanciamento muito grande entre os adeptos de cada corrente; o que, paradoxalmente, acaba tendo seu lado positivo, na medida em que as divergências e seus seguidores divergentes alimentam um processo de especulação muito intenso e, assim, conseguem enri-

---

\*Professor do Departamento de Geografia da U.E.M. - Área de Geografia Humana.

quecer a dinâmica da ciência e criar uma nova forma de diferenciá-la das "outras ciências", caracteristicamente mais estáveis.

Desta forma, uma definição do que é Geografia fica na dependência da corrente que faz tal definição, segundo uma escala própria de valores. Em outros termos: não é a mesma coisa definir Geografia segundo as concepções da corrente tradicionalista e segundo as concepções da corrente radical e da corrente humanística. Respeitados os pontos em comum, devem ser considerados os pontos divergentes, sinal de que o dualismo da Geografia praticada nos primeiros séculos pelos gregos e pelos romanos não foi superado e, da mesma forma como se manifestou nos séculos XVIII e XIX na forma de "determinismo" e de "possibilismo", projeta-se nos dias atuais na forma de "radical", "quantitativa", "humanística", etc.

## 2. TENTATIVAS DE DEFINIÇÃO

De acordo com cada uma das correntes do pensamento geográfico, existem uma ou mais definições do que é Geografia, bem como uma ou mais concepções em termos de objeto, fontes de conhecimento, campos de atuação e formas de manifestação.

Dentro deste contexto, alguns autores definem a Geografia como o estudo da superfície terrestre, valendo-se do significado etimológico do termo Geografia - descrição da Terra. Tal definição indica o objeto da Geografia e coloca esta disciplina numa posição muito superior a outras disciplinas que também têm, na superfície terrestre, seu campo de estudo. Caberia ao geógrafo descrever todos os fenômenos manifestados na superfície do planeta, fazendo assim a síntese do pensamento científico voltado ao estudo dessa mesma superfície. Aqui, a propósito, se insere a classificação de Kant, segundo a qual as ciências se dividem em duas classes: as especulativas, apoiadas na razão, e as empíricas apoiadas na observação e nas sensações, sendo que como ciências apoiadas na observação e nas sensações aparecem a Antropologia, síntese dos conhecimentos relativos ao homem, e a Geografia, síntese dos conhecimentos relativos à natureza. Desta forma, Kant concebeu a Geografia como sendo uma ciência sintética, na medida em que trabalha com dados das demais ciências, e descritiva, na medida em que enumera e descreve fenômenos da superfície terrestre.

Estudo da paisagem é outra definição de Geografia. Assim, a paisagem seria um organismo, com funções vitais e com elementos que interagem. Segundo Moraes (1981), "à Geografia caberia buscar estas inter-relações entre fenômenos de qualidades distintas que coabitam numa determinada porção do espaço terrestre".

A Geografia poderia ser também o "estudo da individualidade dos lugares", aqui dando toda força à Geografia Regional praticada pelos geógrafos da antiguidade clássica, como Heródoto e Estrabão. Como Geografia Regional, esta definição tem em mente estudar as unidades componentes da diversidade areal da superfície terrestre. Hettner em 1925 e Hartshorne em 1939 pactuaram com tal definição e com o acasalamento que ela viria a proporcionar com o estudo da diferenciação regional da superfície.

Uma concepção muito difundida e que conta com muitos adeptos, atualmente, vê a Geografia como o estudo do espaço. A complexidade desta definição está em como definir o espaço. Segundo Corrêa (1982), "pensar a respeito do espaço depende de quem o pensa. O espaço pode ser pensado como espaço físico, psicológico, social ou geográfico, entre outros tipos", entendendo-se por espaço geográfico a superfície terrestre profundamente diferenciada por processos naturais. "Tal superfície - ainda segundo Corrêa (p. 25) - constitui-se na morada do homem, e sua diferenciação por processos naturais só ganha significado porque é sobre ela que o homem erigiu seu habitat. Desse modo, o espaço geográfico se enriquece porque nele introduz-se o homem com sua história. Mais claramente, o espaço geográfico é definido como sendo a superfície da terra vista enquanto morada - potencial ou de fato - do homem, sem a qual tal espaço não poderia sequer ser pensado". Desta maneira, o espaço tem sido o conceito organizador em torno do qual a geografia se desenvolveu. Nesta mesma linha de raciocínio, Santos (1982, p. 31) afirma que "o espaço morada do homem, sob a ação humana, assume uma natureza social e é nestes termos que deve ser pensado pelo geógrafo interessado em compreender a sua organização". Outros autores, com uma leve mudança no jogo de palavras, ratificam esta conceituação de Geografia e a sua correlação com espaço. Silva (1981 p. 65) afirma que "entendemos o espaço geográfico como a Terra enquanto morada do homem. O espaço da Geografia é entendido como sendo a superfície da terra, profundamente diferenciada por processos naturais, vista como morada do homem, potencial ou de fato. A superfície terrestre constitui-se no habitat do homem e a diferenciação da mesma por processos naturais só ganha significado quando em relação com o homem, direta ou indiretamente", chamando a atenção para o fato de que "o conceito de morada deve ser entendido de forma a mais ampla possível e não apenas como espaço-residência, espaço-habitação". Harvey (1980, p. 20) afirma que "cada forma de atividade social define seu espaço. Daí temos o conceito geográfico de espaço sócio-econômico, o conceito de 'espaço pessoal' dos psicólogos e antropólogos, etc."

Uma outra definição concebida para a Geografia: o estudo das relações entre o homem e o meio, ou entre a sociedade e a natureza. Esta corrente de raciocínio foi proposta por Albert Demangeon, em 1942, com a definição de que "é o estudo dos grupos humanos nas suas relações com o meio geográfico". Emmanuel de Martonne, em sua obra "Traité de Géographie Physique" ponderou que "a geografia moderna encara a distribuição à superfície do globo dos fenômenos físicos, biológicos e humanos, as causas dessa distribuição e as relações locais desses fenômenos".

As definições, portanto, são numerosas e de certa forma representam períodos em que a preocupação do pensamento geográfico estava voltada para esta ou para aquela situação. Uma vez existindo a divagação, não há a unicidade do pensamento nem da escala dos valores geográficos. Enfim, não há consenso a respeito da matéria tratada pela Geografia, sendo que as várias definições formais atestam a controvérsia que reinou no passado e continua reinando hoje em torno da disciplina.

Apesar de tantas definições, não é sem fundamento o que Dresch (1980, p. 5) afirmou: "ainda que o próprio termo 'geografia' seja em si muito antigo, a maior parte dos pesquisadores tem produzindo 'geografia' sem tentar uma definição e, muitas

vezes, sem sabê-la". O próprio Dresch (p. 8) explica o porquê de toda esta situação que envolve, de um lado, excessos de definições e, de outro lado, ignorância do que seja, de fato, "geografia", culpando as ideologias políticas reinantes. "Devido à falta de métodos específicos, a Geografia, talvez mais do que qualquer outra ciência, sofre a influência das ideologias em curso, a Geografia humana mais do que a Geografia física". Monteiro (1980, p. 69), por sua vez, explica que "quanto às ideologias oriundas do próprio campo da Ciência, talvez o aspecto mais importante nesse setor seja o daquelas que convergem para o conceito de 'espaço'. De um lado, nota-se um prolongamento da decorrência da ideologia desencadeada pela quadridimensionalidade einsteinsiana e, de outro, a associação das novas geometrias aos espaços de relações no campo da economia".

### 3. CONHECIMENTO RACIONAL OU CONHECIMENTO INTUITIVO?

A variedade de definições, que insere variedade de concepções, acaba, em outra dimensão, criando embaraços para se conceituar a Geografia como um conhecimento racional ou como um conhecimento intuitivo. Como racional, o conhecimento geográfico (e, na prática, o geógrafo) teria que estar imbuído da faculdade de raciocínio, da razão; situação inversa no caso do conhecimento intuitivo, onde o que vale é a intuição, dispensando-se a razão. De acordo com a corrente de pensamento geográfico e, por conseguinte, de acordo com a definição produzida por essa ou por aquela corrente, a Geografia adquire a conotação racional ou a conotação intuitiva. Ao se preocupar com o estudo das paisagens, por exemplo, a formação do geógrafo esteve dirigida para o treinamento da observação. Sauer (citado por Hartshorne, 1969, p. 291) assinala, a propósito, que a "Geografia é antes de tudo conhecimento ganho por observação, que se ordena por reflexão e reinspeção das coisas antes observadas, e que por via da experiência adquirida da intimidade dessas observações vem a comparação e a síntese". René Clozier (citado por Christofolletti, 1976, p. 12) observa que "o geógrafo é aquele que se coloca diante de uma paisagem, cujos traços evocadores se impõem a seus olhos. . .".

Para facilitar, no entanto, a aproximação ou o entendimento entre uma e outra ramificação do conhecimento, são válidas as explicações contidas na Teoria do Conhecimento, de Hessen. Explica Hessen, inicialmente, que "a teoria do conhecimento procura descrever, explicar e interpretar filosoficamente o conhecimento humano, através do estudo de sua natureza, valor e fim e procurando verificar se é verdadeiro ou não (isto é, se concorda ou não com o objeto)". Segundo ele, racionalismo "é a corrente filosófica que considera a razão a fonte principal ou seja, a única base do conhecimento só recebe este nome quando é universalmente válido e logicamente necessário". No racionalismo, "o pensamento é absolutamente independente da experiência". Ao contrário, o problema da intuição está em "como conhecer", significando como "apreender com a mente um objeto", sendo que neste caso, segundo as explicações de Hessen, "a nossa consciência se move em torno do objeto, relacionando-o com outros objetos, comparando e tirando conclusões através de diversas operações intelectuais".

O embaraço em conceituar a geografia como conhecimento racional ou como conhecimento intuitivo, segundo as diversas e, de certo modo, divergentes definições do que é Geografia, tem, em seu auxílio, esta explicação de Hessen: "para admitirmos se existe ou não um conhecimento intuitivo ao lado do discursivo racional devemos pensar sobre a essência do homem. Se vírmos o homem como ser teórico somente, admitiremos um conhecimento racional. Porém, o homem não é só intelecto, é um ser que sente e quer". Complementando, afirma que "os nossos juízos morais e de valor, além de se basearem no conhecimento discursivo-racional, têm uma base na experiência e na apreensão imediata dos valores".

Dá-se deduz a importância da percepção dentro do pensamento geográfico, como, aliás, há muito tempo, alguns geógrafos vêm discutindo. Oliveira (1977, p. 61) adverte, no entanto, que "o fenômeno perceptivo não pode ser estudado como um evento isolado, nem pode ser isolável da vida cotidiana das pessoas. A percepção deve ser encarada como uma fase da ação exercida pelo sujeito sobre os objetos, pois as atividades não se apresentam como simples justaposições, mas como um encadeamento, em que umas estão ligadas às outras"; o autor diz, ainda, que "a nosso ver a Geografia precisa fundamentar suas investigações no campo da percepção espacial, na teoria de Piaget, pois é a única que explica a percepção dentro de um contexto em que os aspectos perceptivos estão intimamente ligados aos cognitivos para a construção do espaço". Importância à percepção também foi dada por Santos (1978, p. 67) ao dizer que "a geografia da percepção e do comportamento é uma das novas tendências de nossa disciplina. Ela deve muito à contribuição da psicologia e da psicologia social. O fundamento dessa abordagem vem do fato de que cada indivíduo tem uma maneira específica de apreender o espaço, mas também de o avaliar. Não se trata apenas de definir, para cada indivíduo, um tipo de espaço social na cidade e fora dela. Este espaço social seria definido pelos lugares que lhe são familiares e as parcelas do território que ele deve percorrer entre estes diferentes lugares".

#### 4. AS FONTES DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO

"Nem o mundo, nem as imagens sobre ele são idênticas à Geografia. Alguns aspectos da Geografia são recônditos, outros obscuros, ocultos ou esotéricos; reciprocamente, há muitos aspectos familiares de coisas que a Geografia raramente considera. Mais que em qualquer outra disciplina, entretanto, a matéria objeto da Geografia aproxima o mundo do discurso geral; o presente tangível, a vida do dia-a-dia do homem na terra raras vezes estão distantes do nosso interesse". Com estas palavras, Lowenthal (1982, p. 101) dá a entender claramente que é impossível relacionar, definindo-as uma a uma, as fontes do conhecimento geográfico. Como ciência que se preocupa com o homem e com o seu meio, ou, ainda, com a sua paisagem, com seu espaço, praticamente tudo o que se insere nesse universo passa a representar fonte para o conhecimento geográfico.

Não importando qual a concepção, uma das fontes do conhecimento é o próprio homem, sendo que as demais fontes são os outros componentes da paisagem, dos lugares, do espaço ou das áreas. Portanto, o homem passa a ter um lugar comum no

pensamento geográfico, não importando se esse pensamento está voltado para a Geografia tradicional, quantitativa, radical ou humanística. Voltando às definições que marcaram o início deste trabalho e que de certa forma inserem intrinsecamente as fontes do conhecimento geográfico, segundo cada uma das correntes mencionadas, observa-se que para a Geografia Tradicional, a preocupação é a análise das influências e interações entre o homem e o meio. Assim, evidencia-se uma dicotomia entre dois universos distintos (o meio geográfico e as atividades humanas), mas que interagem, embora conservando um seccionamento com as denominações de Geografia Humana (preocupando-se com as atividades humanas) e de Geografia Física (preocupando-se com o estudo do quadro natural). Na Geografia Quantitativa, através do uso de técnicas estatísticas e matemáticas, da análise sistêmica e de outras técnicas próprias, também o homem e seu espaço ambiental aparecem inseridos, situação que vai se repetir na Geografia Humanística, onde a preocupação é analisar os aspectos essenciais dos objetos da consciência, através da supressão de todos os preconceitos que um indivíduo possa ter sobre a natureza dos objetos, como os provenientes das perspectivas científica, naturalista e do senso comum. Segundo Christofolletti (1982, p. 22) "preocupando-se em verificar a apreensão das essências, pela intuição das pessoas, a fenomenologia utiliza como fundamental a experiência vivida e adquirida pelo indivíduo. . . A fenomenologia não é nem uma ciência de objetos, nem uma ciência do sujeito: ela é uma ciência da experiência". Enfim, segundo ainda Christofolletti, "a Geografia Humanística procura valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação a seus lugares", estando aí, mais uma vez inseridos o homem e o meio como fontes do conhecimento geográfico. A Geografia Radical, ao contrário da Geografia Quantitativa, procura analisar em primeiro lugar os processos sociais e depois os processos espaciais, entendendo que cada modo de produção, capitalista ou socialista, reflete-se em formações sócio-econômicas espaciais distintas, cujas características da paisagem geográfica devem ser analisadas e compreendidas.

De maneira geral, as correntes do pensamento geográfico divergem quanto às concepções e, principalmente, quanto às metodologias adotadas, mas conservam como ponto comum, a nível de fontes do conhecimento, a presença do homem e de seu habitat; este, interpretado ora como paisagem, ora como espaço, ora como lugar.

## 5. CONCLUSÃO

Em linhas gerais, o que se conclui é que a Geografia, apesar de ser um dos mais antigos ramos do conhecimento científico, ainda se debate por definições, conceitos e luta para encontrar seu verdadeiro objeto. Os geógrafos, por sua vez, ainda não têm consenso definido sobre "o que fazer" em Geografia e "como fazer" Geografia. Isso tudo porque a geografia é excessivamente dinâmica em relação a outras ciências; de tal maneira, que consegue superar a si mesma em curto espaço de tempo e transformar, sem maiores problemas, a novidade de hoje no obsoleto de amanhã. Christofolletti (1976, p. 5) aborda diretamente esta situação ao afirmar que "em virtude do número cada vez maior de pesquisadores que estão interessados em questões teóricas, novas proposições poderão ser apresentadas e o que hoje consideramos como "Nova

Geografia, amanhã poderá estar ultrapassada". Por sua vez, Correa da Silva (1982, p. 14) justifica que tudo isso acontece porque a Geografia não é unificada, mas sim constituída de "geografias". Textualmente afirma que "a geografia atual é uma geografia composta de geografias que se relacionam, mas não compõem uma unidade".

## 6. BIBLIOGRAFIA

CHRISTOFOLETTI, Antonio. As características da Nova Geografia. **Geografia**, vol. 1, n.º 1, Rio Claro, SP, abril, 1976.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia**. Difel, São Paulo, 1982.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Novos rumos da Geografia Brasileira**. Hucitec, São Paulo, 1982.

DRESCH, Jean. Réflexions sur la Géographie. **Reflexões sobre a Geografia**. AGB, São Paulo, 1980.

HARTSHORNE, R. **Questões sobre a Natureza da Geografia**. Comissão de Geografia do Inst. Pan. de Geografia e História, Rio de Janeiro, 1969.

HARVEY, D. **A Justiça social e a Cidade**. Hucitec, São Paulo, 1980.

HESSEN, J. **Teoria do Conhecimento**. UNESP, Rio Claro, 1983 (texto fotocopiado).

LOWENTHAL, D. Geografia, Experiência e Imaginação: em direção a uma Epistemologia Geográfica, in **Perspectivas da Geografia**. Difel, São Paulo, 1982, pp 103-142.

MONTEIRO, Carlos A. de Figueiredo. **A Geografia no Brasil (1934 - 1977) Avaliação e Tendências**. Universidade de São Paulo, Instituto de Geografia, São Paulo, 1980.

MORAES, A. C. Robert. **Geografia - pequena história crítica**. Hucitec, São Paulo, 1981

OLIVEIRA, Lúvia. A situação da Geografia entre as Ciências. **Geografia**. Ageteo, Rio Claro, SP, vol. 1, n.º 1, abril, 1976, pp. 53-62.

OLIVEIRA, Lúvia. Contribuição dos estudos cognitivos à percepção geográfica. **Geografia**, Ageteo, Rio Claro, SP, vol. 2, n.º 3, abril, 1977, pp 61-72.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. Hucitec/Edusp, São Paulo, 1978.

SANTOS, Milton. **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. Hucitec, São Paulo, 1982.

SILVA, Armando Corrêa da. **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. Hucitec, São Paulo, 1982.

SILVA, Sylvio C. B. Melo e. Espaço, Regionalização e Estrutura da Geografia. **Bol. de Geografia Teórica**, Ageteo, Rio Claro, SP, vol. II, n.º 21-22, 1981, pp 65-73.